

EDUARDO FABRÍCIO FRIGATTI

RELATO DE EXPERIÊNCIA DIDÁTICA: AULAS DE VIOLÃO EM GRUPO

TEMA: A PRODUÇÃO BRASILEIRA PARA VIOLÃO

RELATO DE EXPERIÊNCIA DIDÁTICA: AULAS DE VIOLÃO EM GRUPO

Eduardo Fabrício Frigatti¹

Atualmente, é notória a adoção do ensino coletivo de instrumentos. Várias instituições, desde conservatórios particulares a faculdades, tem optado por essa didática por razões diversas, como diminuir gastos, facilitar o acesso ao ensino da música ou por se tratar de uma abordagem com um fim pedagógico diferenciado da aula individual (KRONBAUER, 2009; TOURINHO, 1995 e 2009).

Para fundamentar essa alternativa de ensino e consolidá-la como uma área de atuação profissional, vários artigos e dissertações têm discutido métodos e abordagens possíveis para essa prática. No entanto, embora haja consenso em alguns pontos e possam abstrair-se ações comuns, as proposições de atuação dessa modalidade de ensino parecem depender muito do contexto específico em que ocorre, criando, assim, procedimentos distintos.

Na região de Curitiba-PR, encontra-se com facilidade curso de instrumento em grupo, sobretudo de violão. No primeiro semestre de 2008, em uma ação pioneira, uma escola profissionalizante de Pinhais-PR iniciou a implantação de oficinas de artes e prática de esportes como aulas extracurriculares em seu curso de “Auxiliar Administrativo e Produção Industrial”. Essa aprendizagem profissional visa capacitar adolescentes, com idade entre 14 e 18 anos incompletos, a ingressar no mercado de trabalho como aprendizes. Normalmente, os alunos frequentam a escola regular e a profissionalizante, além trabalharem. As aulas extracurriculares visavam aumentar a interação entre os alunos e minimizar o estresse da rotina dos alunos.

No segundo semestre de 2008, o SENAI autorizou a readequação da grade curricular do curso, que passou a incorporar as oficinas sob a disciplina

¹ Aluno do 2º ano de Licenciatura em Música - EMBAP

de relações humanas. Essa disciplina, que perpassa os dois anos de curso e está dividida em quatro módulos, objetiva

promover o autoconhecimento, a valorização da auto-estima e as potencialidades individuais, visando a construção de um novo projeto de vida, bem como a *integração e socialização dos alunos*,² de forma a desenvolver a competência de trabalhar em equipe, respeitando as diferenças pessoais (Plano de Disciplina de Relações Humanas – 2008/2009).

Cada aluno pode escolher duas oficinas para freqüentar durante cada semestre. Ao final deste período, eles podem continuar nessas oficinas ou matricular-se em outras. Os alunos de todos módulos do curso se juntam para formar as turmas que freqüentam as oficinas, sendo que cada delas uma tem um número limite de vagas. Atualmente, a oficina de violão comporta até quinze estudantes.

O autor deste texto foi convidado a ministrar as aulas da oficina de violão. Ao aceitar, colocou-se diante da seguinte questão: seria possível adequar a proposta da disciplina com o aprendizado do instrumento? Se possível, como ocorreria?

Para SWANWICK (2003), a educação musical deve ser pensada como uma forma de estudos culturais ou reforço social e, citando MERRIAM (1964), menciona a variedade de propósitos para os quais a música é “boa para”, a saber: expressão emocional; prazer estético; diversão; comunicação; representação simbólica; reposta física; reforço da conformidade a normas sociais; validação de instituições sociais e rituais religiosos; contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura; e preservação da integração social.

BRUSCIA (2000) expõe diversos modos de utilização da música com fins terapêuticos e, embora não haja um processo terapêutico, ele classifica o aprendizado do instrumento como podendo ser de cunho preventivo se, por exemplo, as aulas de música servirem como ferramenta facilitadora da criação de relações saudáveis entre alunos – como no caso em questão.

² Grifo do autor.

Segundo TOURINHO (2009), “o ensino coletivo possibilita o acesso de mais pessoas, com menor custo, *maior possibilidade de interação social e aquisição mais rápida de parâmetros musicais*”.³

A partir dessas idéias, pode-se afirmar que as aulas grupais de instrumento poderiam vir a atender as necessidades da disciplina de Relações Humanas, ou seja, facilitar a interação social e integração entre os alunos, desde que os procedimentos adotados pelo professor não perdessem de foco esse objetivo. Tais procedimentos exigem posturas específicas do educador e uma metodologia de ensino diferenciada. Logo, todos os aspectos da aula devem ser pensados: desde abordagem do conteúdo a organização do espaço físico da sala.⁴

A proposta deste relato de experiência é mostrar a construção dessa abordagem (ainda em processo), descrevendo as ações tomadas ao longo do projeto e apontando falhas e acertos dos procedimentos já realizados.

³ Grifo do autor.

⁴ TOURINHO (2009) sugere algumas formas de organização dos alunos dependo do objetivo da aula, por exemplo: dois a dois, para cada integrante das duplas se auxiliem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUSCIA, Kenneth E. *Definindo Musicoterapia*. Trad.: Mariza Velloso Fernandez Conde. 2ª ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

KRONBAUER, Adriano. *Reflexões sobre ensino-aprendizagem nas aulas de violão em grupo*. Disponível em:
<http://artigospanambi.blogspot.com/2009/05/reflexoes-sobre-ensino-aprendizagem-nas.html>. Acesso em: 05/10/2009.

TOURINHO, Ana Gama Cristina dos Santos. *A motivação e o desempenho escolar na aula de Violão em grupo: Influência do repertório de interesse do aluno*. 1995. 271p. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Universidade Federal da Bahia, 1995.

_____. *Ensino coletivo de violão: proposta para disposição física dos estudantes em classe e atividades correlatas*. Disponível em:
http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=55. Acesso em: 06/10/2009.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Trad.: Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.